

Bruna Teixeira (bruCa), Suzete Venturelli \*

# Arte, ciência e especulação: atlas Kibira de fabricações ecológicas

\*

**Bruna Teixeira (bruCa)** é artista visual. Sua pesquisa articula imaginário científico, materialidades trans e pensamento ecológico. Em trabalhos recentes, mobilizou práticas artísticas de colecionismo e inventário para observar a expansão da transmasculinidade no próprio corpo. Texturas, substâncias e formas que habitam a intersecção entre natureza e identidades de gênero são seus interesses atuais. Nos últimos anos desenvolveu trabalhos em videoarte, animação, arte digital e bioinstalação. Mais recentemente, sua prática tem se dedicado cada vez mais à escultura, tanto em sua dimensão especulativa, quanto material. É mestra em Antropologia Social e em Ecologia Marinha, e doutoranda em Artes Visuais pela UnB.

<teixeirabruca@gmail.com>

ORCID 0009-001-8816-2156

**Suzete Venturelli** é pesquisadora, artista e professora. É professora titular da Universidade de Brasília (UnB) e professora da Universidade Anhembi

**Resumo** Este estudo apresenta resultados iniciais da pesquisa de doutorado “Atlas Kibira de Fabricações Ecológicas – Poética Cuir e Outros Ensaio Transmasculinos”, que incide na intersecção entre imaginário científico e arte contemporânea. Centra-se em Kibira como caso de estudo, um povoado cuir fictício criado a partir da vitalidade de mundos transimaginativos. O artigo apresenta uma proposta artística que utiliza imagens geradas por inteligência artificial e pintura digital, aplicadas a composições de animação, arte digital e escultura especulativa, como um convite a pensar com o impossível para denunciar o real. Inicia com uma contextualização teórica abrangente sobre o Atlas, abordando a ecologia queer e trabalhos de visualização de dados. Analisa, em seguida, o contexto territorial e arqueoficcional de Kibira, descrevendo a geofuga e os achados rupestres locais da Tradição Murintaquara e do estilo Cliroca. Por fim, considera como uma investigação cuirizada pode pôr à prova sistemas tradicionais discriminatórios contra a população LGBTQIAPN+ e expandir as fronteiras visuais da arte.

**Palavras-chave** Ciência especulativa, Transmasculinidades, Ecologia Queer, Atlas.

Morumbi (UAM). Atua no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UnB e no Programa de Pós-Graduação em Design da UAM, na área de concentração Design, Arte e Tecnologia. Atualmente é bolsista de produtividade do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), nível 1B, e presidente da Associação Nacional de Arte e Tecnologia.  
<suzeteventurelli@gmail.com>  
ORCID 0000-0003-0254-9286

### **Art, science and speculation: Kibira atlas of ecological fabrications**

**Abstract** *This study presents initial results from the doctoral research project “Atlas Kibira de Fabricações Ecológicas – Poética Cuir e Outros Ensaios Transmasculinos”, which operates at the intersection of scientific imagination and contemporary art. It centers on Kibira as a case study, a fictional cuir settlement created from the vitality of transimaginative worlds. The article presents an artistic proposal that uses images generated through artificial intelligence and digital painting, applied to compositions of animation, digital art, and speculative sculpture, as an invitation to think with the impossible in order to denounce the real. It begins with a broad theoretical contextualization of the Atlas, addressing queer ecology and works on data visualization. It then analyzes the territorial and archaeofictional context of Kibira, describing geofuga and the local rock art findings of the Murintaquara Tradition and the Cliroca style. Finally, it considers how a cuirized investigation can challenge traditional discriminatory systems against the LGBTQIAPN+ population and expand the visual frontiers of art.*

**Keywords** *Ciência especulativa, Transmasculinidades, Ecologia Queer, Atlas.*

### **Arte, ciencia y especulación: Atlas Kibira de fabricaciones ecológicas**

**Resumen** *Este estudio presenta resultados iniciales de la investigación doctoral “Atlas Kibira de Fabricações Ecológicas – Poética Cuir e Outros Ensaios Transmasculinos”, que se sitúa en la intersección entre el imaginario científico y el arte contemporáneo. Se centra en Kibira como caso de estudio, un poblado cuir ficticio creado a partir de la vitalidad de mundos transimaginativos. El artículo presenta una propuesta artística que utiliza imágenes generadas mediante inteligencia artificial y pintura digital, aplicadas a composiciones de animación, arte digital y escultura especulativa, como una invitación a pensar con lo imposible para denunciar lo real. Comienza con una contextualización teórica amplia sobre el Atlas, abordando la ecología queer y trabajos de visualización de datos. A continuación, analiza el contexto territorial y arqueoficcional de Kibira, describiendo la geofuga y los hallazgos rupestres locales de la Tradición Murintaquara y del estilo Cliroca. Finalmente, considera cómo una investigación cuirizada puede poner en cuestión los sistemas tradicionales discriminatorios contra la población LGBTQIAPN+ y ampliar las fronteras visuales del arte.*

**Palabras clave** *Ciencia especulativa, Transmasculinidades, Ecología queer, Atlas.*

## Introdução

Qualquer atlas sobre transgeneridade, desde o ponto de vista ecológico, é necessariamente infinito, um trabalho *in progress*. O assunto é tão vasto, as formas de expressão tão variadas e o número de espécies envolvidas tão grande que desafia qualquer tipo de abordagem. A pesquisa científica nessa área ainda está apenas engatinhando: novos projetos e descobertas estão continuamente sendo realizados, e esse terreno ainda desconhecido é imenso, o que torna qualquer tentativa de exaustão sobre o tema irremediavelmente prematura.

Apesar de tais desafios, o Atlas Kibira de Fabricações Ecológicas, que vem sendo produzido no âmbito do doutoramento em Artes Visuais no Programa de Pós-Graduação da Universidade de Brasília (MediaLab/UnB), por meio de metodologias cocriativas e de uma equipe multidisciplinar, busca apresentar um relato razoavelmente extenso e atualizado sobre o assunto a partir do território de Kibira do Vale do Eté (do tupi *kybyra*, irmão; *eté*, corpo). Kibira é um grupo étnico de ancestralidade transmasculina localizado no Alto Sertão de Alagoas, no geoencontro entre os municípios de Olho d'Água do Casado, Piranhas e Inhapi, no nordeste do Brasil.

Para ajudar a restringir o campo, certos parâmetros foram escolhidos: apenas exemplos de corporalidades transmasculinas, evolutivas ou adaptativas, são abordados no Atlas e corroborados por diversas fontes cientificamente documentadas, sempre que possível. Isso não apenas limita o número de espécies e táticas ecológicas mais-que-humanas (muitos outros casos transgêneros, não binários e intersexos, sem dúvida, ocorrem, mas não foram bem documentados), mas também estabelece uma plataforma uniforme e verificável de dados sobre a qual basear as discussões.

Além disso, o Atlas se concentra principalmente na etnoecologia kibiriana, na própria paisagem e nas espécies que eles identificam como trans — não porque outros tipos de animais e plantas sejam de alguma forma menos interessantes ou importantes, mas simplesmente porque as limitações de espaço e tempo exigem que nem todas as espécies possam ser abordadas. Esses grupos revelam uma ecologia relacional e ativa desse território, considerados suficientemente representativos para garantir a compreensão das fronteiras dissolvidas entre natureza e cultura, corpo e paisagem, humano e não humano existentes em Kibira.

Nota 1: Um Atlas para/com especialistas e populares

“<https://www.brucateixeira.com.br/ecologiadonaufragio>”  
senha: clitobomba

O momento único dos debates sobre transgeneridade em que vivemos atualmente também requer que o Atlas seja voltado para especialistas e leitores em geral (não acadêmicos). Pela primeira vez, pessoas trans falam por si, criam suas próprias imagens e articulam seus próprios saberes —

é um tempo de afirmação, denúncia e invenção, impulsionado sobretudo pelas redes sociais. Com isso, o que era para ser campo de escuta torna-se palco de reações violentas associadas a opiniões genitalistas, e vêm à tona questões há séculos mal resolvidas pelas ciências naturais. Em um polo, pessoas trans sentem que agora são parte de uma natureza em ascensão; no outro, *haters* as acusam como ameaça à ordem biológica natural das coisas. Num sentido mais amplo, só existe um meio de sair de tudo isso: repensar a nossa Ecologia.

A teoria evolucionista de Charles Darwin (2018), especialmente como foi recebida e popularizada, sustenta algumas ideias que a Ecologia Queer questiona:

- **Seleção sexual = reprodução heterossexual**

Darwin viu o sexo principalmente como um meio para reprodução e continuidade da espécie. Isso alimentou uma visão naturalizada da cis-heterossexualidade.

- **Ordem natural e progresso linear**

A evolução foi interpretada como um caminho de progresso, no qual espécies (e comportamentos) são selecionados por utilidade, adaptabilidade e função.

A Ecologia Queer propõe uma outra leitura da natureza e da vida:

- **Diversidade sexual como abundância, não como desvio**

A Ecologia Queer demonstra que animais praticam uma vasta gama de comportamentos homoafetivos não reprodutivos. Isso desafia a centralidade da reprodução heteroafetiva no darwinismo clássico. Ao mesmo tempo, chama a atenção para a superpopulação humana e suas relações com as crises do Antropoceno.

- **Prazer e cooperação como forças evolutivas**

Em vez de competição e sobrevivência do mais apto, a Ecologia Queer valoriza relações cooperativas, de prazer colaborativo e conexão interespécies como componentes da ecologia. Argumenta ainda que a reprodução sexual é apenas uma das várias funções biológicas do comportamento sexual: redução de tensões, coesão de grupo, parentalidade e cuidado com filhotes são exemplos de outras funções observadas em relações lésbicas e gays na natureza, tão importantes quanto a reprodução para a evolução e manutenção das espécies.

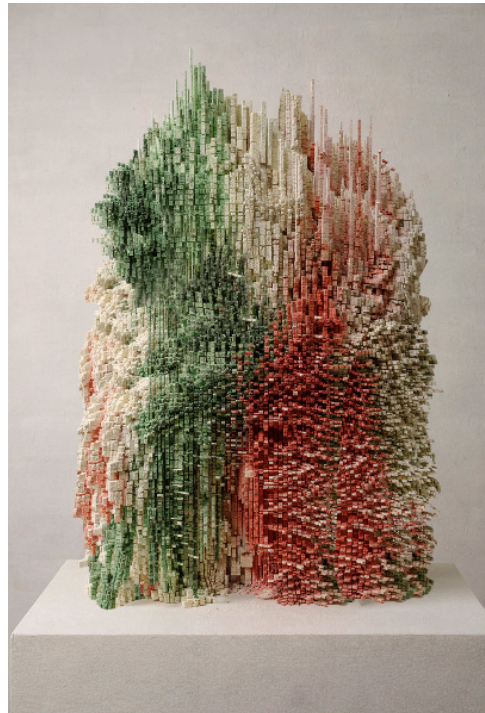
- **Contra o determinismo biológico**

A Ecologia Queer recusa a ideia de que a biologia determina identidade, sexualidade ou papéis de gênero. Em seu lugar, compreende os corpos como mutações, fluxos, interações ambientais e ciborguianas.

A Ecologia Queer ainda não conta com presença consolidada na literatura científica brasileira (Figura 1). Embora haja iniciativas interdisciplinares que se aproximam do tema, especialmente em áreas como artes, estudos de gênero e ecologia política, ela permanece pouco conhecida e aplicada por boa parte da comunidade biológica tradicional. Por ser mais difundida nos círculos acadêmicos euro-estadunidenses e porque uma quantidade considerável de mal-entendidos envolve o assunto, acreditamos que o Atlas será igualmente interessante para a comunidade científica. A Ecologia Queer é um campo interdisciplinar que cruza teorias de sexualidade e gênero dissidentes com ecologia política e estudos ambientais (MORTIMER-SANDILANDS, 2011). Ela não rejeita a evolução, mas questiona a forma como ela foi narrada — centrada na reprodução, na hierarquia, na cis-heteronormatividade e na ideia de progresso. Enxerga o pensamento darwinista como um discurso normativo corrosivo, no qual corpos, sexos e desejos são “bons” apenas se forem úteis para a reprodução e sobrevivência.

**Figura 1** - Dinâmica de ocupação da ecologia queer (em verde) e da curirização do queer (em vermelho) nos estudos ecológicos. Escultura especulativa de visualização de dados. A imagem foi produzida por inteligência artificial (IA) a partir de um conjunto de dados híbridos — fictícios, visuais, históricos e projetivos.

**Fonte:** Atlas Kibira de Fabricações Ecológicas (no prelo).



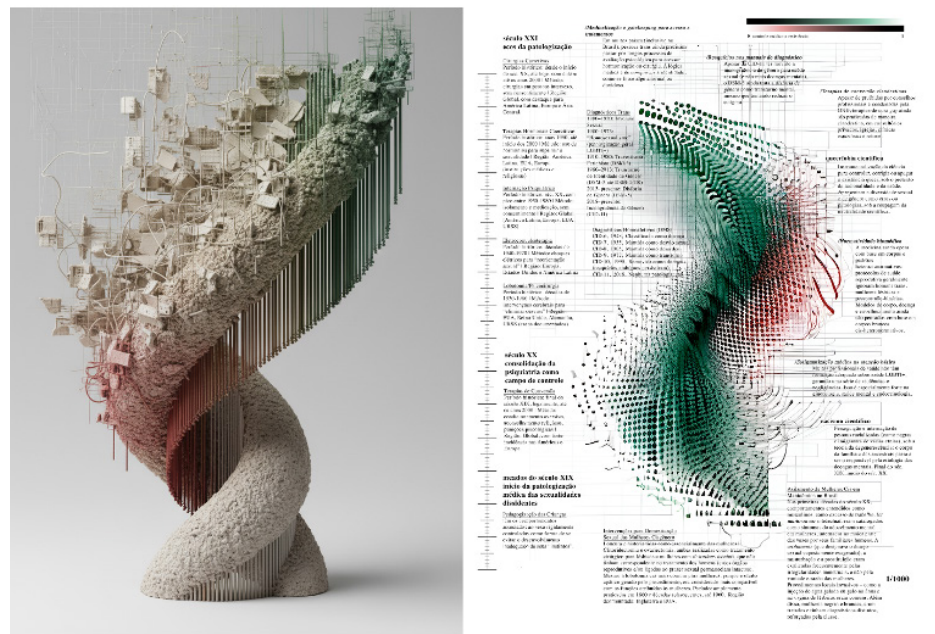
De fato, essa linha de pensamento queer ecológico é emergente e, até hoje, exerce pouca influência na revisão das biologias cotidianas. Foi a partir do delineamento proposto por Darwin — também da crença na Arca de Noé — que nossas ecologias acabaram por se definir na história das ciências naturais. O resultado foi dois séculos de registros científicos neutralizando a celebração da diversidade biológica e inscrevendo o binarismo como fundamento ontológico da vida natural. E sabemos que qualquer tentativa de dividir tudo em dois deve ser recebida com muita suspeita. Pois bem: de muitas maneiras, é exatamente isso que ocorre entre humanos (Figura 2).

Em primeiro lugar, as ciências naturais caminharam lado a lado com as ciências médicas desde o surgimento do pensamento científico moderno na segunda metade do século XIX. Além disso, em aliança com tradições culturais dominantes, cientistas e médicos forjaram uma posição biomédica sobre o tema profundamente regulada por comportamentos sociais e crenças religiosas da época. Como autoridades normativas, construíram um longo regime baseado em diagnósticos médicos corretivos altamente prejudiciais às pessoas LGBTI+, regime que também atravessa outros padrões classificatórios perigosos, como raça e classe social.

O pano de fundo de tudo isso é o pecado. A Arca de Noé talvez seja a primeira política pública de reprodução compulsória disfarçada de salvação divina. Um imaginário sagrado que, de tão normativo que é, tranquilamente seria capaz de expulsar um unicórnio por excesso de expressão. E isso se manifesta de forma extensa no mundo atual, com denúncias sistemáticas contra grupos de “cura gay”, organizados por instituições religiosas cujos líderes espirituais frequentemente ocupam cargos empresariais e políticos influentes. Nada ameaça mais a vida das pessoas queer do que a sobrevivência do neoliberalismo e a ascensão da extrema-direita — e nós temos os dois aqui no Brasil, caminhando lado a lado.

**Figura 2** - Tentativas científicas de “tratamento” e “cura” de supostas “falhas” ambientais: (a) escultura especulativa de visualização de dados e, (b) legenda auxiliar. As imagens, geradas por IA, articulam dados reais e ficção visual. As informações textuais foram inseridas posteriormente, a partir da forma sugerida pela estrutura.

**Fonte:** Atlas Kibira de Fabricações Ecológicas (no prelo).



Em segundo lugar, no campo da zoologia, muitas interpretações controversas foram apresentadas (e continuam a ser feitas), como apontou o biólogo Bruce Bagemihl (1999). Mesmo diante de evidências esmagadoras de que a transgeneridade, a intersexualidade, a autorreprodução e os comportamentos homoafetivos florescem — e sempre floresceram — por toda a natureza, a norma cis-heterossexual segue sendo prescrita como a única existência naturalmente legítima, enquanto todo o restante é relegado a pouco estudo ou descrito como aberrante, patológico, uma mera confusão.

Essa omissão revela mais sobre o esforço da ciência biológica ocidental em organizar a produção científica dentro de categorias inteligíveis de controle — nomear, classificar, reduzir — do que sobre a própria natureza em si, reiterando a urgência de práticas de observação que levem em conta a complexidade dos modos de existir para os propósitos de uma natureza em movimento.

Com isso em mente, este Atlas não deve ser visto como um pronunciamento final e definitivo sobre o assunto, mas sim como um começo ou uma abertura: um convite para novas pesquisas e discussões sobre existências historicamente excluídas dos ideais de natureza.

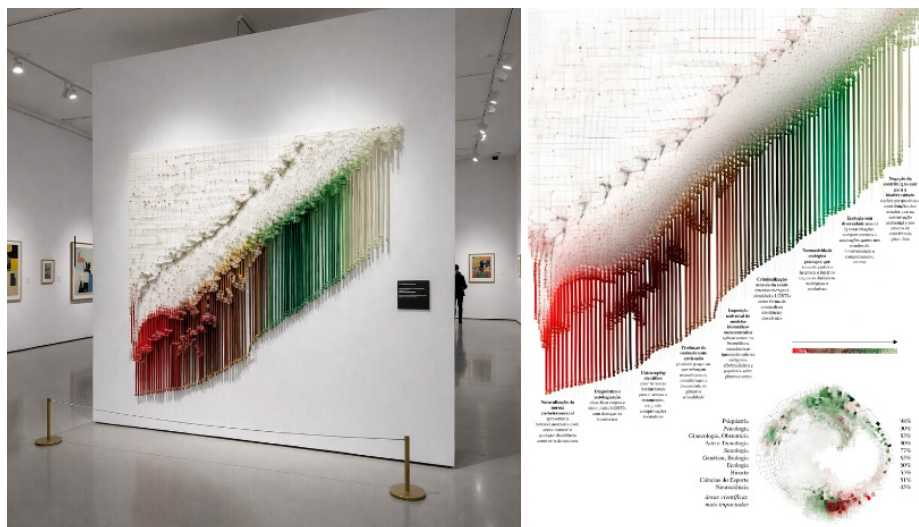
#### Nota 2: Entre o Queer e o Cuir nas Artes Ecológicas

Também é importante apontar que, ao longo do Atlas, optamos por utilizar o termo “cuir”, em vez de “queer”, ao tratar das relações entre sexualidade, gênero e ecologia no contexto brasileiro (Figura 3). Essa escolha não é apenas linguística, mas também política e epistemológica. Cuir é uma apropriação latina descolonial do termo queer, que desloca sua origem anglófona e academicamente normatizada para enraizá-lo em contextos do Sul Global, onde as lutas por dissidência de gênero e sexualidade se entrelaçam diretamente com questões de território, ancestralidade, raça e colonialidade. Assim, cuirizar a ecologia é desobedecer tanto à hegemonia cis-hétero quanto às hierarquias elitistas que moldam a ideia de natureza. É reconhecer que os corpos insubordinados da América Latina não estão apenas inseridos na paisagem natural, mas são parte ativa de sua composição simbólica e afetiva — corpos que resistem, cultivam, se autofabricam e performam suas existências em relação com rios, matas, animais e encantarias.

Nesse sentido, o termo cuir já absorve tanto as contribuições da ecologia queer quanto da ecologia trans, incorporando os estudos desses dois campos por infusão. Por isso, aqui se dá especial atenção às maneiras pelas quais essas ideias se tornam relevantes para a investigação da arte científica contemporânea. Talvez o ponto de partida mais importante para um Atlas como este seja justamente estabelecer um precedente no discurso das ciências biológicas brasileiras: há, sim, vias ambientais alternativas fabricadas a partir da experiência tanto dos naturalmente cuir quanto daqueles que abordam a triangulação entre racialização, colonialidade e (des) gênero em seus métodos e discursos trans e queer.

**Figura 3** - Dinâmica espaço-temporal da cuirfobia científica no Brasil: (a) escultura especulativa de visualização de dados e, (b) legenda auxiliar. A imagem articula dados reais e projetivos, tensionando os limites entre evidência, ficção plástica e denúncia. As informações textuais foram adicionadas posteriormente, a partir da estrutura visual, ambas geradas por inteligência artificial.

**Fonte:** Atlas Kibira de Fabricações Ecológicas (no prelo).



Para exemplificar: quando Uýra Sodoma<sup>1</sup> cria uma persona vegetal-humana-espiritual para questionar a violência contra corpos travestis e afirma: “Me tornei árvore para continuar vivendo entre aqueles que não aceitavam meu corpo”; quando Eva Hayward (2010) propõe pensar transformações de gênero e percepção a partir dos corais *Balanophyllia elegans* (coral laranja); quando Alexis Pauline Gumbs (2020) analisa o modo de vida dos mamíferos aquáticos e sugere a urgência de uma respiração coletiva para a sobrevivência humana; ou, finalmente, quando Cleo Woelfle-Erskine (2022) nos alerta para o modo como a hidrologia é moldada pelo binarismo ecológico e argumenta que os rios transicionam o tempo todo (assim como corpos trans); queremos dizer que um recorte decolonial, afrofuturista e transcentrado pode oferecer uma base relacional menos cafona para a maneira como tradicionalmente estudamos a ecologia ou produzimos arte sobre ela (Figura 4).

**Figura 4** - Constelação indócil de saberes ecológicos do Atlas Kibira (em desenvolvimento). Escultura especulativa de visualização de dados. A partir da constelação gerada por IA, as referências reais mobilizadas ao longo da pesquisa foram posicionadas mais próximas ou mais distantes do centro da imagem, oferecendo ao público leitor pistas sobre o caráter artístico e fabulatório do Atlas.

**Fonte:** Atlas Kibira de Fabricações Ecológicas (no prelo).



## Ancestralidade Submersa

Não nos escondemos, foi o outro que não soube como procurar. Kibira não obedece a mapa nenhum.

Também não adianta cavar [...] mergulhem.

(TÔRUX, 2024, informação verbal)

### Quando Kibira se recusou

Somos notavelmente ignorantes a respeito da geofuga — o que era, para o dr. João Teixeira Albernaz (c. 1602–1662), “uma das mais terríveis calamidades paisagísticas” da época — não apenas ignorantes, mas também indiferentes. Justamente porque a cartografia convencional considera a terra passiva demais e inteiramente previsível é que muitos povoados nunca se encaixaram nos mapas, como é o caso de Kibira e dos Morros Vivos de Pixaim, em Piaçabuçu/AL.

Pixaim e Kibira não foram apagados. Elas simplesmente fugiram. A terra se esquiva, desvia, torce-se para não ser plenamente capturada. Poucos sabem, mas o território kibiriano escolheu não caber: por um gesto topográfico de desacordo, sua relação com o Rio São Francisco comprova isso. Embora esteja localizado fora do traçado hidrológico oficial, o rio atravessa Kibira. Assim, para que o curso d’água alcance o povoado, é preciso amassar o mapa, torcer sua planicidade e refazer a leitura espacial a partir da dobra (Figura 5).

Para se chegar a Kibira é preciso dobrar. Trata-se de um enclave entre os cânions do Rio São Francisco, situado em área rural com cerca de 320 km<sup>2</sup>, onde vivem aproximadamente 290 habitantes. Além de não ser localizável pela cartografia tradicional, é praticamente impossível chegar à comunidade seguindo em linha reta. “A nossa paisagem não entra no mapa porque ela própria se recusa”, comenta Beka (TÔRUX, 2024, informação verbal), exibindo cosmogramas produzidos localmente pelos próprios kibirianos e demonstrando maneiras de envergar mapas convencionais para conseguirmos avistar a localização de Kibira.

Também não é possível chegar a Kibira pelo *Google Maps* ou por qualquer outro sistema espacial de poder cartográfico, pela mera impossibilidade de o dispositivo continuar funcionando após as tentativas de dobradura de suas telas — seja aparelho celular, GPS ou computador. A forma mais fácil de chegar ao povoado é por navegação em pequenos barcos artesanais de pesca, movidos a motor e guiados pelos kibirianos. Nesse trajeto, duas rotas são as mais utilizadas pelos moradores: a que parte do porto da cidade de Piranhas, com navegação aproximada de 90 minutos; e outra que parte do porto do povoado de Olho d’Água do Casado, com navegação aproximada de 30 minutos. Bússolas desviadas podem ser utilizadas para percorrer as rotas locais, mediante orientações comunitárias específicas, sendo possível

**Figura 5** - “Para se chegar a Kibira é preciso dobrar”. Escultura especulativa do mapa de Alagoas, com indicação da localização do povoado. A imagem combina modelagem manual da artista sobre o mapa impresso em papel, com posterior geração por inteligência artificial.

**Fonte:** Atlas Kibira de Fabricações Ecológicas (no prelo)



## 12 mil anos de transmasculinidades

Para que a história seja bem contada, cada vez mais vozes decoloniais têm se levantado para registrar que, quando os portugueses aqui aportaram, a pluralidade sexual e de gênero já era parte constitutiva de muitos povos nativos milenares das Américas. Autores como Will Roscoe (1998) e Qwo-Li Driskill (2016) documentam a existência de papéis de terceiro gênero e identidades não binárias entre povos indígenas norte-americanos; enquanto Yuderkys Espinosa Miñoso (2015) e Ochy Curiel (2007) demonstram como as concepções afrodiáspóricas e indígenas de corpo e pessoa são relacionalmente construídas no contexto latino-americano, abrindo espaço para subjetividades originárias variadas em termos de sexualidade e gênero. No Brasil, Viveiros de Castro (2017), Mauro Almeida e Manuela Carneiro da Cunha (2002) discutem cosmologias indígenas que concebem múltiplos modos de existência, relações afetivas variadas e papéis de gênero não fixos, especialmente entre os povos Tupi-Guarani, Tukano e Yanomami.

Ora, como falar em dissidência de um corpo que já existia cuir e se expressava assim durante milênios, desde que os primeiros grupos humanos aqui chegaram? Como falar em cultura cis-hétero quando o modo cuir, no instante em que o primeiro europeu o regulou, no século XVI, era vivido por milhões de pessoas que se relacionavam de dezenas de formas diferentes e ocupavam um território continental? O relato do religioso francês Yves d'Évreux sobre a execução de Tybyra, em 1614, revela como a moral cristã reprimia com brutalidade as práticas homoafetivas já existentes entre os grupos tupinambás que habitavam o Brasil antes de Cabral (D'ÉVREUX, 1864; MOTT, 1998). É desse cenário que se compreende a colonialidade de gênero — como conceituada por Maria Lugones (2008) — uma das expressões mais duradouras da violência colonial, pois atuou não apenas sobre o território, mas sobre a própria possibilidade de ser.

Mas as surpresas sobre a pré-história cuir brasileira não param de surgir. Basta observar as manifestações rupestres, os artefatos produzidos e as intervenções realizadas no ambiente. Os grupos que habitavam o Brasil antes de 1500 deixaram mensagens que chegaram até os dias de hoje como testemunho de seus desejos e acontecimentos corporais, cada vez mais trazidos à tona pela ciência contemporânea. Estudos antropológicos recentes, apoiados em análises interdisciplinares de grafismos rupestres, bioarqueologia e etnoarqueologia comparativa, têm sugerido a existência de indivíduos que escapavam às normas sexistas e de gênero hoje consideradas hegemônicas, entre os vestígios deixados pelos primeiros habitantes do Nordeste brasileiro. Os trabalhos de Yara Loretto e do Coletivo Transarqueologias Ancestrais indicam que certos padrões iconográficos recorrentes podem representar registros de existências LGBTI+, em seus modos de habitar e fabricar o corpo — como, por exemplo, representações de figuras híbridas, seres com traços andróginos ou expressões corporais atípicas em relação aos padrões guerreiros ou reprodutivos.

Yara Loretto (2022) propõe uma releitura dos grafismos rupestres do semiárido nordestino a partir da teoria performativa de gênero, com base em Judith Butler e em autoras ameríndias. Ao analisar painéis de sítios da tradição Agreste, em ocorrências nos estados do Piauí e de Pernambuco, Loretto observa figuras com traços corporais ambíguos, relações sexuais entre figuras representadas pelo mesmo sexo biológico e gestos de dança não identificáveis nas lógicas produtivistas ou reprodutivas já categorizadas. Ela sugere que essas figuras podem representar indivíduos cuir, cujas existências foram ritualizadas por meio das inscrições rupestres. A autora propõe a noção de “arqueocorpo” cuir, argumentando que esses signos constituem um modo de habitar o corpo na antiguidade fora das binaridades.

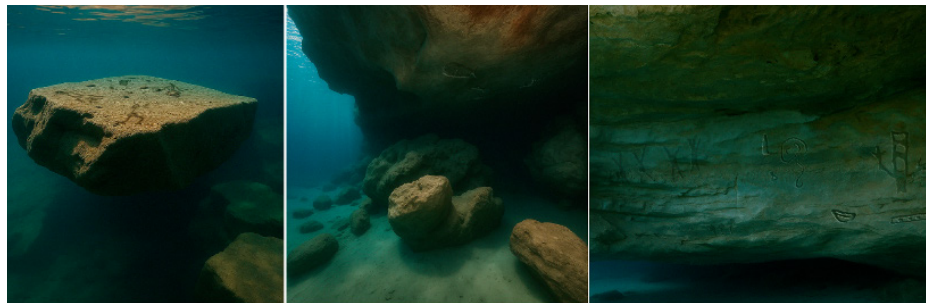
O Coletivo Transarqueologias Ancestrais é uma obra-manifesto iniciada em 2013 que reúne arqueólogos, artistas e lideranças indígenas para tensionar os protocolos ocidentais de leitura arqueológica. Defende a ideia da arqueologia contemporânea como um método de escavação não literal, que deve valorizar rastros do desejo, da fabulação e do que foi silenciado por métodos positivistas. Em capítulos dedicados ao sertão alagoano, o grupo sugere que Kibira representa uma dessas zonas de breu arqueológico — onde o apagamento de populações LGBTI+ pré-históricas teria sido sistemático nas coleções acadêmicas e museais oficiais do Brasil neocolonial. A partir dessas evidências, o coletivo lança a hipótese de que um grupo de dissidentes transmasculinos da Cultura Canindé teria se separado dos núcleos maiores em Alagoas, estabelecendo comunidades nômades ao longo das bordas do Rio São Francisco, onde hoje se localiza o povoado de Kibira. Essa comunidade caçadora-coletora teria então desenvolvido uma ecologia própria há, no mínimo, 12 mil anos, marcada pela simbiose com formas pós-binárias da paisagem e por uma linguagem corporal codificada nas rochas, atualmente interpretada como uma das primeiras inscrições cuir das Américas.

## Nas entranhas subaquáticas

Dos 244 sítios com grafismos rupestres levantados em Alagoas, a partir de dados de 2022 do CNSA<sup>2</sup>, DEPAM<sup>3</sup> e de arquivos da SR/AL<sup>4</sup>, sabe-se que 47 deles estão localizados nos municípios limítrofes ao Vale do Eté. O cadastro de mais sete novos sítios submersos pertencentes ao complexo arqueológico de Kibira, realizado durante nossa pesquisa, aponta claramente para a existência de um patrimônio muito mais amplo do que aquele até então conhecido. Os nomes dos sítios aqui indicados são aqueles utilizados pela população local, que os relaciona diretamente às áreas de terreno ocupadas pelos kibirianos (Figuras 6, 7 e 8). Os decalques digitais dos petróglifos subaquáticos podem ser consultados na Figura 9, localizada ao final desta seção.

**Figura 6** - Sítios submersos de Kibira: (a) Sítio Aracuã, (b) Sítio Toca do Morro d'Água e (c) Sítio Pacamão. Fotomontagens produzidas a partir da combinação entre IA e pintura digital. As imagens evocam paisagens arqueoficcionais e mobilizam a estética da fotografia científica como dispositivo de verdade, sugerindo a existência de experiências transmasculinas desde a pré-história.

**Fonte:** Atlas Kibira de Fabricações Ecológicas (no prelo).



Quanto ao sítio Aracuã, este se configura com dois painéis: um na parte superior da rocha, com representações biomorfas; e outro na porção lateral, com representações geométricas. O primeiro painel mede 5,92 m de largura por 3,23 m de altura, e o segundo mede 1,5 m de largura por 1,2 m de altura. No primeiro painel encontram-se gravuras de um pássaro, uma figura humana com um recém-nascido e dois registros diferentes de uma mesma árvore. Há traços próximos ao bico do pássaro que chamam a atenção para o canto do animal, interpretados pelos kibirianos como um símbolo da mutação vocal hormonal que ocorre em diversas espécies aviárias endêmicas, a depender da estação do ano ou de fatores interespecíficos.

É possível registrar essa mesma associação hormonorreceptora a partir das duas imagens de árvore gravadas logo ao lado que, embora distintas morfologicamente, segundo Beka correspondem à mesma espécie nativa, *Mutatiafolium kibirae*, conhecida popularmente por Folha-Viradeira. A mudança da copa e da largura do caule nas gravuras evidencia a influência direta da testosterona que já ocorria sobre a biodiversidade pré-histórica local. Observa-se também que a posição dos indivíduos representados neste painel sugere uma pessoa parturiente adulta em posição vertical, que dá à luz a uma criança; sendo a adulta acompanhada por evidências de destetamento (cicatrizes na região peitoral decorrentes da retirada dos seios).

Foram observados retoques em alguns dos signos gravados, principalmente nos de menores dimensões, como as cicatrizes. No segundo pai-

nel deste sítio, localizado na lateral do lajedo, é possível identificar ainda o tema da mamoplastia, composto por gravuras geométricas circulares representando pares de mamas, com dois cortes paralelos abaixo. Linhas verticais e formas semicirculares internas sugerem tanto cicatrizes quanto texturas regeneradas da pele, num possível culto à transformação corporal e à topografia cicatricial do peito transmasculino, segundo Beka.

Quanto à Toca do Morro d'Água, trata-se de um abrigo subaquático com painel único de zoolíticos, situado sob o teto do lajedo, com cerca de 3,40 metros de comprimento por 4 metros de largura. O sítio exhibe um conjunto de quatro representações de peixes, todos pertencentes à ictiofauna do Rio São Francisco e bem conhecidos pelos kibirianos, pois correspondem a espécies que ainda hoje integram a pesca artesanal e a culinária cotidiana da comunidade. As figuras foram gravadas por abrasão fina e escavadas em baixo-relevo, com detalhes anatômicos que simulam cicatrizes torácicas — sulcos paralelos ou cruzados na região correspondente à lateral e ao ventre dos animais. De acordo com Beka, as espécies gravadas incluem *Pygocentrus toraxalis* (piranha-verde), com incisões laterais paralelas; *Pimelodus carunculata* (bagre-facão), com sulcos dorsais; e duas gravuras de *Eugerres testonicus* (carapeba), peixe de perfil alongado e cicatrizes ventrais finas.

No caso do sítio Pacamão, localizado ao pé de uma encosta com o mesmo nome, encontra-se o maior painel gravado de todo o complexo arqueológico de Kibira, com aproximadamente 20 metros de comprimento por oito metros de altura, esculpido na face norte da rocha e exposto à luz solar difusa durante as manhãs. Adentrar esse abrigo é uma das experiências mais tocantes para estudiosos da pré-história brasileira. O painel apresenta uma cena narrativa de grande complexidade iconográfica, interpretada pelos kibirianos como a representação de um procedimento cirúrgico ritualístico — provavelmente o que seria uma mamoplastia transmasculina com exibição coletiva e de singela beleza. Foram identificadas quatro figuras humanas com os braços erguidos, todas com marcas torácicas simétricas de remoção mamária. A postura dos corpos, com os braços levantados e as pernas estendidas e levemente afastadas, sugere um gesto de exaltação, comemoração ou encerramento do processo.

Ao redor das figuras principais encontram-se três representações de cogumelos, reconhecidos pela morfologia do chapéu e do talo. Sua presença, segundo o guia local, indica o uso de substâncias anestésicas naturais no contexto das práticas médicas da pré-história de Kibira, inclusive ainda utilizadas pela comunidade. A espécie seria *Mycetia transitus*, conhecida entre os Kibira como U'na Véték (traduzido como “Sussurro da Pedra”). Também estão gravados no painel uma flauta, uma cumbuca, uma linha sinuosa (possivelmente associada à sutura) e dois artefatos de corte, interpretados localmente como instrumentos utilizados durante a operação. As cirurgias arqueológicas — ou, mais precisamente, as práticas cirúrgicas em contextos antigos estudadas pela arqueologia — deixaram evidências de que muitas sociedades já realizavam intervenções no corpo humano com instrumentos específicos há milhares de anos.

Em destaque, também compõe o conjunto do painel do sítio Pacamão a figura de uma máscara com braços erguidos, indicando que estava sendo vestida por alguém, possivelmente uma personagem relevante para a execução do procedimento cirúrgico. Sua forma geral é retangular e verticalizada, com a parte superior mais estreita do que a inferior, de contorno fechado e três espaços ociosos horizontais sobre a testa, conferindo-lhe um aspecto totêmico. A figura possui simetria axial e parece ter sido concebida para ser visualmente impactante à distância, talvez para marcar presença, autoridade ou cuidado. Sua presença repetida em diferentes sítios do Vale do Eté (como Nova Esperança e Pacamão) sugere uma personagem de importância comunitária — possivelmente uma máscara de uso cerimonial utilizada por especialistas em práticas médicas corporais, como as descritas nas cenas de mamoplastia.

Quanto ao sítio Laje das Traíras, este se constitui por quatro conjuntos de petróglifos gravados em blocos arredondados de granito, dispostos de forma aglomerada no fundo de uma depressão natural do rio São Francisco. No primeiro conjunto, observa-se uma figura humanoide que já aparece em outros sítios da região, identificada pela comunidade como uma entidade recorrente da iconografia do Vale do Eté. A figura é de baixa estatura, com corpo largo e membros curtos, representada em postura dinâmica — com os braços erguidos e as pernas em movimento, como se estivesse correndo ou escapando. As mãos e os pés são definidos em tridígitos. Sua repetição em diferentes sítios sugere um possível papel simbólico ligado à mobilidade, à velocidade e ao deslocamento.

No segundo conjunto estão gravadas três figuras: uma forma indumentária semelhante a uma vestimenta de quadril, com parte superior reta, extremidades curvas e cavidade circular vazada ao centro — interpretada localmente como uma cinta para uso sexual — e duas representações fálicas isoladas, possivelmente dildos pré-históricos. A hipótese é reforçada pela proximidade entre os elementos e por analogias formais com artefatos já reconhecidos em outras iconografias sexuais rupestres da América Latina.

**Figura 7** - Continuidade dos registros fotográficos dos sítios submersos de Kibira: (d) Sítio Laje das Traíras, (e) Sítio Pedra Jacundá e (f) Sítio Serra Mole.

**Fonte:** Atlas Kibira de Fabricações Ecológicas (no prelo).



Essa leitura se confirma no terceiro painel, esculpido em uma rocha contígua, onde as figuras interagem entre si, compondo uma cena com indícios de cunho sexual. Duas figuras humanas do sexo biológico feminino aparecem em contato explícito, sendo uma delas usuária da cinta acoplada

a um objeto fálico e a outra em gesto receptor para o encaixe dos corpos. A cena é considerada uma das representações mais diretas de prática sexual com uso de instrumentos de prazer nos registros arqueológicos brasileiros. Acredita-se que tais objetos poderiam ter sido confeccionados com couro cru de animal e látex natural, materiais disponíveis no bioma da caatinga e compatíveis com práticas de confecção artesanal conhecidas para períodos históricos posteriores.

No quarto e último conjunto do sítio das Traíras — inclusive o mais visível desde a entrada do aglomerado rochoso — destacam-se dois grafismos de natureza distinta: uma gravura de forma oval acompanhada por uma linha logo abaixo, claramente identificável como mais uma manifestação geométrica do estilo cliroca sobre a mamoplastia; e o perfil de um rosto humano até então inédito, com sinais que partem da cabeça — traços curtos semelhantes a asteriscos ou pequenos fragmentos — interpretados pelos kibirianos como uma representação da calvície adquirida. Essa figura tem sido relacionada à hipótese de que alterações capilares, como a queda de cabelo, já eram observadas como efeitos colaterais de processos hormonais em alguns corpos transmasculinos da época.

Um único painel de gravuras zoolíticas é apresentado no sítio Pedra Jacundá, esculpido sobre a face inclinada de um afloramento sedimentar parcialmente sombreado, com cerca de 0,80 metro de largura por 0,60 metro de altura. O painel reúne representações de duas espécies da fauna local com morfologias mutáveis, altamente simbólicas para a ecologia hormonal da região. A primeira figura, de acordo com Beka, representa um mamífero nativo da caatinga identificado como *Muruxi temporalis*. Trata-se de um animal de porte médio, com corpo curvado e genitália variável, que desenvolve um pênis funcional durante os períodos mais quentes do ano, retornando a uma morfologia fêmea com a queda da temperatura. A gravura não representa diretamente essa ciclicidade sexual, mas os kibirianos reconhecem o animal pela presença da giba ou corcova, uma protuberância semelhante à de um dromedário. Ao lado, observa-se a gravura de uma lagarta espinhosa, da espécie *Larvata mutara* (catenga), também nativa da região e conhecida por apresentar espinhos e placas dérmicas durante certos ciclos hormonais naturais. A gravura mostra a lagarta em posição lateral na rocha, com diversas projeções lineares ao longo do dorso e das patas, indicando um estado de defesa ou de transição morfológica.

No sítio Serra Mole, a face vertical de um bloco de granito voltada para o norte é coberta por grafismos que se espalham por uma área de aproximadamente 3 metros quadrados. Os temas representados incluem figuras antropomorfas, indumentárias humanas e grafismos geométricos. As figuras possuem dimensões entre 13 centímetros e 1,5 metro, e as maiores são visíveis a grandes distâncias devido à profundidade ainda bem preservada dos sulcos. As gravuras geométricas mais recorrentes — frequentemente interpretadas localmente como representações mamárias — dominam a parte superior do painel. A associação espiral-mama pode, inclusive, ser considerada um mitograma na cultura dos gravadores pré-históricos de Ki-

bira. O primeiro conjunto, composto por quatro gravuras circulares enfileiradas, apresenta espirais concêntricas que sugerem o formato de mamas em estilização abstrata. O segundo conjunto também apresenta quatro gravuras, mas com círculos sobrepostos e de tamanhos variados — um círculo maior ladeado por dois menores — formando uma composição que remete ao contorno do peito, à aréola e ao mamilo, em uma representação mais próxima da anatomia observada.

Abaixo dessas seções destacam-se duas figuras que sugerem representações de indumentárias que, de acordo com Beka, eram utilizadas para cobrir ou comprimir a região peitoral dos primeiros habitantes de Kibira. Possuem formato semelhante ao de um top ou faixa, com a parte central mais larga e as extremidades afinadas, indicando um sistema de amarras ao redor das costas. Uma das gravuras, em especial, apresenta dois volumes semicirculares posicionados abaixo da linha da amarração. Esse dado reforça a interpretação local de que essas peças eram utilizadas para comprimir ou disfarçar os seios, funcionando como uma forma ancestral dos *binders* atualmente comercializados por lojas especializadas em produtos transmasculinos. Segundo informações locais, os *binders* pré-históricos representados nos grafismos de Serra Mole eram confeccionados com fibras vegetais trançadas, couro curtido de pequenos mamíferos ou tecidos rudimentares obtidos da casca de árvores nativas da região, adaptados para comprimir e modelar o tórax de acordo com as práticas corporais da época.

Finalmente, na parte inferior do painel encontra-se um conjunto de três figuras humanas em posição frontal, cada uma exibindo cicatrizes diferenciadas na região peitoral. A primeira figura apresenta uma cicatriz reta e paralela à linha do peito; a segunda exibe uma cicatriz circular ao redor da aréola; e a terceira mostra duas cicatrizes diagonais, em ângulo oblíquo, cruzando o tórax. Essas representações são compreendidas como evidência de que diferentes técnicas de mamoplastia transmasculina eram conhecidas e aplicadas no território, com variações nos métodos de incisão e cicatrização — semelhantes às técnicas contemporâneas que se adaptam ao volume mamário e à estrutura corporal individual.

Uma observação particular recai sobre a figura humana com cicatrizes diagonais, que se distingue das demais por apresentar traços curtos irradiados acima da cabeça, como feixes em movimento. Esses traços são interpretados pelos kibirianos como uma possível indicação gráfica da dor. A presença desses sinais sugere que, entre os diferentes procedimentos de mastectomia representados no painel, essa variante — marcada pelas incisões em ângulo — poderia ter sido considerada a técnica mais dolorosa ou exigente, tanto em termos físicos quanto simbólicos.

Quanto ao sítio Cacimba, este se distingue por ser o mais profundo do complexo arqueológico de Kibira, situado no leito central do Rio São Francisco, em uma área de baixa luminosidade e de difícil acesso. Observam-se duas figuras humanas representadas em cena animada, reproduzindo com rara plasticidade episódios de um possível cotidiano pós-hormonização: o ganho de força e a mudança da voz. Ambas as figuras são apresentadas em

posição ereta e com cicatrizes de destetamento. Uma delas exhibe uma anatomia peculiar, com mãos bidígitas (dois dedos) e pés tridígitos (três dedos), além de três traços ondulados à frente de sua boca aberta, interpretados pelos kibirianos como a representação da vocalização — um registro das mudanças de timbre para tons mais graves na voz.

A outra figura carrega acima dos ombros o que parece ser uma pequena canoa, gesto que pode simbolizar, de acordo com Beka, o aumento de força física e a capacidade adquirida de transportar grandes volumes após a hormonização. Além das figuras humanas, há duas gravuras geométricas localizadas mais abaixo e à direita da rocha. Elas apresentam formas lineares e repetitivas que se assemelham a pontos de sutura pós-operatória, como linhas interrompidas e pequenas marcas transversais.

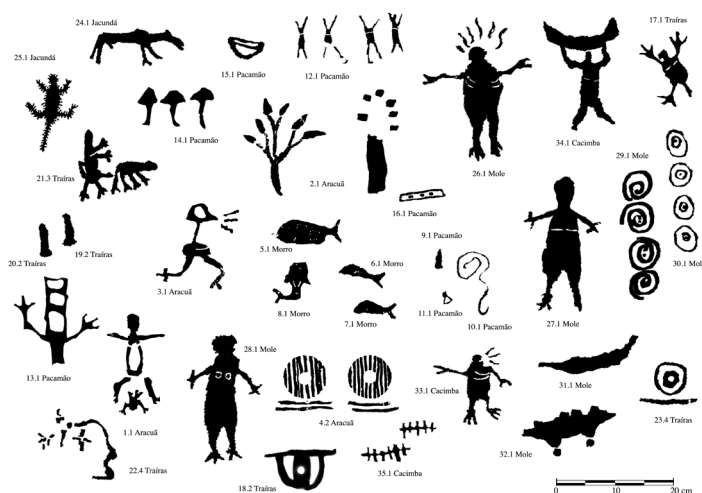
**Figura 8** - Sítio Cacimba (a) e escultura especulativa com petróglifos de Kibira (b).

**Fonte:** Atlas Kibira de Fabricações Ecológicas (no prelo).



**Figura 9** - Conjunto de decalques digitais dos petróglifos encontrados nos sítios arqueológicos de Kibira, revelados por tratamento de imagem e interpretação arqueoficcional.

**Fonte:** Atlas Kibira de Fabricações Ecológicas (no prelo).



## Considerações Finais

Este estudo apresenta o resultado processual da pesquisa de doutorado “Atlas Kibira de Fabricações Ecológicas: poética cuir e outros ensaios transmasculinos”, que incide na intersecção entre ciência especulativa e arte contemporânea. A investigação centra-se em Kibira como caso de estudo — um povoado cuir fictício criado a partir da vitalidade de mundos tran-

simaginativos, em diálogo com discursos científicos, artificiais e filosóficos. A tese adota o formato de atlas e está dividida em três partes principais.

A primeira parte contextualiza o território do Vale do Eté, explorando as relações entre ambiente natural, ancestralidade e práticas socioculturais locais. Em seguida, o trabalho apresenta a fauna e a flora kibirianas por meio de pranchas científicas que evidenciam espécies com transformações corporais evolutivas inspiradas na experiência transmasculina com a mamoplastia e a hormonização, como cicatrizes, pelos e mudanças na voz. Por fim, o Atlas apresenta a ecologia cuirbiriana das relações, baseada nas pedagogias transespécies presentes em Kibira e nas formas alternativas de cuidado, persistência e responsabilidade ecológica desenvolvidas pela comunidade local.

Imaginar arquiteturas, ecologias e biologies transflexionadas não é uma tarefa simples, dado que pessoas trans mantêm, historicamente, uma relação desconfortável — e muitas vezes velada — com essas áreas. Nesse sentido, não se trata apenas de estudar a masculinidade trans para propor ecofabulações, mas de me tornar território de pesquisa. Como artista e criadora deste Atlas, vivo as mesmas mutações que investigo nos kibiras. Habito a dobra entre lesbianidade e transmasculinidade como uma zona ecológica viva e, há dois anos, documento minhas próprias adaptações corporais como parte de um fazer artístico encarnado. A mamoplastia “dita” masculinizadora e o uso de testosterona tornam-se, aqui, matéria plástica e um laboratório aberto para a bioficção kibiriana e seus bestiários transespeculativos. Trata-se de uma perspectiva que permite a esta tese oferecer bases para futuras pesquisas acadêmicas e artísticas sobre a incorporação estética da mudança — uma investigação cuirizada que põe à prova sistemas tradicionais de discriminação e expande as fronteiras visuais da arte contemporânea.

## Notas

1. <https://www.premiopipa.com/uyra/>
2. Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos. Este é um sistema de cadastramento de sítios arqueológicos no Brasil, gerido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).
3. Departamento de Patrimônio Material e Fiscalização (DPAM), vinculado ao IPHAN.
4. Superintendência do IPHAN em Alagoas (sede em Maceió).

## Referências

ALMEIDA, Mauro Barbosa de; CUNHA, Manuela Carneiro da. **Enciclopédia da floresta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BAGEMIHL, Bruce. **Biological exuberance: animal homosexuality and natural diversity**. New York: St. Martin's Press, 1999.

COLETIVO TRANSARQUEOLOGIAS ANCESTRAIS. **Desvios escavados: epistemologias cuir na arqueologia das Américas**. São Paulo: Ed. Raiz Torta, 2021.

CURIEL, Ochy. **La nación heterosexual: análisis del discurso jurídico y el régimen heterosexual desde la antropología de la dominación**. Bogotá: Editorial Desde Abajo, 2007.

DARWIN, Charles. **A origem das espécies**. Tradução de Carlos Duarte. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

D'ÉVREUX, Yves. **Voyage au nord du Brésil fait durant les années 1613 et 1614**. Paris: Auguste Durand, 1864.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **A inconstância da alma selvagem**. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

DRISKILL, Qwo-Li. **Asegi stories: Cherokee queer and two-spirit memory**. Tucson: University of Arizona Press, 2016.

ESPINOSA MIÑOSO, Yuderkys. **Escritos de una lesbiana oscura: reflexiones críticas sobre feminismo y política de identidad en América Latina**. Buenos Aires: En la Frontera, 2015.

GUMBS, Alexis Pauline. **Undrowned: Black feminist lessons from marine mammals**. Chico: AK Press, 2020.

HAYWARD, Eva. Fingeryeyes: impressions of cup corals. **Cultural Anthropology**, v. 25, n. 4, p. 577–599, 2010. Disponível em: <https://anthrosource.onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1548-1360.2010.01070.x>. Acesso em: 21 abr. 2025.

LORETTO, Yara. **Corpos em pedra: performatividades dissidentes na arte rupestre do Nordeste brasileiro**. Recife: Editora Quirarte, 2022.

LUGONES, Maria. Colonialidade e gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 511–518, maio/ago. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/6QH67CzHR-LJfknkZmDpsDNYh>. Acesso em: 11 maio 2025.

MORTIMER-SANDILANDS, Catriona. Paixões desnaturadas? Notas para uma ecologia queer. **Revista Estudos Feministas**, v. 19, n. 1, p. 175–195, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/57C8xvPpYQ8jZ37wqZZHjt/?lang=pt>. Acesso em: 11 maio 2025.

MOTT, Luiz. Etno-história da homossexualidade na América Latina. **História em Revista**, v. 4, 1998.

ROSCOE, Will. **Changing ones: third and fourth genders in Native North America**. New York: St. Martin's Press, 1998.

TÔRUX, Beka. Entrevista concedida à autora. Kibira do Vale do Eté/AL, 1 fev. 2024.

Recebido: 12 de junho de 2025.

Aprovado: 23 de fevereiro de 2026.

WOELFLE-ERSKINE, Cleo. **Underflows: queer trans ecologies and river justice**. Seattle: University of Washington Press, 2022.